



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com a Senadora Ingrid Betancourt**

**São Paulo-SP, 05 de dezembro de 2008**

**Presidente:** A minha presença aqui é apenas para acompanhar a nossa senadora Ingrid Betancourt e dizer para vocês da alegria imensa, primeiro de ela ter sido libertada, segundo de estar aqui no Brasil, terceiro de poder falar com a imprensa brasileira. Acho que todos vocês conhecem a história da senadora Ingrid Betancourt, e eu, particularmente, fiquei feliz porque, depois de ficar sete anos no cativeiro, é uma pessoa sem ressentimento, uma pessoa que está pensando no futuro, uma pessoa que está pensando em construir em vez de ficar uma pessoa apenas com mágoa do passado.

Eu penso que todo mundo sabe ou imagina o que é viver sete anos no cativeiro na Amazônia. Essa mulher resistiu, e acho que foi uma conquista da humanidade muito grande ela ter sido libertada. Agora todos nós vamos ter que trabalhar para que todos os outros sejam libertados, porque não existe nenhuma razão mais de seqüestro em nome da política. Afinal de contas, a democracia é o que garante a gente conquistar as coisas (inaudível). Com vocês, a nossa senadora Ingrid Betancourt.

**Intervenção da senadora Ingrid Betancourt**

**Jornalista:** Como é que o senhor vê esse índice de aprovação do seu governo que foi divulgado hoje, que está em todos os jornais? Como é que o senhor vê isso?

**Presidente:** Olha, eu não... você também me conhece e sabe que eu não comento pesquisa, porque eu não acho justo ficar comentando pesquisa. Tem



político que só trabalha com pesquisa. Tem político que encomenda pesquisa todos os dias. Eu não me preocupo com isso. A minha preocupação é trabalhar, e o resultado do trabalho aparece.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** O problema é que eu acho que as coisas estão acontecendo no Brasil, as pessoas estão descobrindo as coisas, as pessoas estão vivendo. Agora, é uma coisa circunstancial. O meu papel...

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Eu acho importante. O que eu tenho dito para vocês? Aliás, eu até disse que parecia o Dom Quixote porque... Nós temos um problema que é o seguinte, as pessoas precisam compreender o seguinte: se eu pegasse esses meninos que estão atrás dessas câmeras aí, se eu pegasse vocês, jornalistas...

Fica todo mundo preocupado com uma crise que é séria, uma crise que é profunda, porque a crise nasce no coração dos Estados Unidos e da Europa, que são os motores da economia mundial. Essa crise, na medida em que afeta os países ricos, vai afetando indiretamente os países em desenvolvimento, começa pelos Brics e depois vai começando com os menores. Por quê? Porque se os países ricos diminuem as importações, tem país como a China, que as exportações da China representam 40% do PIB. Se diminuírem as exportações vai ter um problema na China; se diminuírem na Índia, vai ter um problema; se diminuírem no Brasil, teremos um problema no Brasil. Qual é a vantagem? Por isso que eu digo que o Brasil é o país que está mais preparado para enfrentar essa crise, e digo isso com orgulho. Como nós diversificamos



muito a nossa balança comercial, ela não depende apenas dos Estados Unidos e da Europa, ela hoje está pulverizada em muitos países do mundo.

A balança comercial do Brasil com os Estados Unidos é de apenas 14%, e as nossas exportações representam 13% do PIB e não 40%, como na China. Portanto, nós estamos vivendo, nesse momento, um problema de crédito, ou seja, o dinheiro encurtou. Nós não sabemos onde está, Sarkozy não sabe onde está, Obama também não sabe onde está. Não pode estar tudo nas Ilhas Cayman. Eu já disse ontem, a ilha afundaria de tantos bilhões ou trilhões de dólares. Mas esse dinheiro vai aparecer.

O que o Estado tem que fazer? O Estado, nesse momento, tem que ser o indutor e fazer com que as coisas aconteçam. Nós já tomamos medidas para a indústria automobilística, para a construção civil, para as indústrias pequenas e médias, e vamos tomar outras medidas. Vamos tomando, porque entre o governo tomar a medida e o dinheiro chegar à ponta está demorando mais do que o esperado. E você sabe que em época de dinheiro curto as pessoas ficam escolhendo melhor os seus clientes. Aquele que em tempo de bonança podia pegar dinheiro a qualquer hora, agora não. Agora os bancos estão escolhendo melhor para quem emprestar dinheiro.

Nós achamos que 2008 já está garantido, ou seja, o final do ano está aí, é só ver como está a 25 de Março, é só ver como é que estão os shoppings, é só ver como é que estão as grandes cadeias de supermercado, o povo está comprando.

Nós temos problema com automóvel, nós temos problema, talvez, em bens duráveis. E eu queria até dizer para vocês uma coisa que eu tenho dito todos os dias: se a sociedade brasileira, induzida por parte do noticiário, resolve entender que não deva comprar as coisas que tinha que comprar com medo de perder o emprego, é preciso dizer que ela pode perder o emprego porque não comprou. Essa é a minha tese. Se um cidadão quer comprar um carro com medo de perder o emprego e depois não poder pagar, ele pode



perder o emprego porque a empresa não produziu carro, o comércio não vendeu, portanto, não tem oferta de emprego. Então, é uma lógica simples essa. Nós precisamos movimentar a economia.

O governo está tomando as decisões para que o crédito chegue à ponta na questão da construção civil, que é muito interessante, na indústria automobilística, que representa 24,5% do PIB industrial, facilitar as coisas no comércio, vários governadores têm ajudado reduzindo ICMS. Ou seja, este é o momento de a gente provar que o Estado tem importância. Não é o mercado que por si só vai se salvar, senão o Sarkozy não teria colocado tanto dinheiro no sistema financeiro francês, os Estados Unidos não teriam colocado US\$ 1,5 trilhão. Então, eu acho que este é o momento. Desta efervescência vai sair uma coisa melhor do que a gente tinha antes.

Posso dizer para vocês que eu acredito, como acredito em Deus, que esta crise é uma grande oportunidade para o Brasil e para o mundo. Eu saí da reunião do G-20 com a convicção de que nós vamos sair desta crise muito melhor do que a gente estava, com o sistema financeiro regulado, com o sistema financeiro preocupado em trabalhar junto com o setor produtivo, e eu penso que é isso que vai acontecer no Brasil. Isso é o que eu queria dizer para vocês: se vocês não estão devendo... se estão devendo, paguem a dívida de vocês, não façam outra não. Mas se vocês não estão devendo, comprem as coisas que tiverem que comprar, vão comprar televisão, vão comprar geladeira, vão comprar roupas.

**Jornalista:** Mas acha que dá para ter confiança para comprar um carro em 48 meses, para comprar uma casa em 10, 15 anos (inaudível).

**Presidente:** Eu acho. Qual é o problema? Você tem um emprego, você tem um salário. Você pode perder o emprego porque se cair muito, vai cair a publicidade, aí os jornais, a televisão vão ter que diminuir o quadro de



funcionários. Então, movimentar a economia também é uma responsabilidade nossa. Se ninguém comprar, ninguém vende, ninguém produz, portanto, a economia pára. Então, a minha lógica é a seguinte: compra o carro que você tiver que comprar (inaudível), compre o carro logo, Celso. Obviamente nós temos que aproveitar porque também houve um primeiro momento em que aumentaram os juros do carro, um primeiro momento em que aumentou a entrada do carro, e não é justo também. É preciso a gente diminuir e facilitar para as pessoas comprarem. Agora é que nós precisamos da compreensão dos empresários.

**Jornalista:** É hora de baixar juros?

**Presidente:** É hora de baixar juros, é hora de baixar preços, ou seja, é hora de a gente compreender que cada um tem que fazer o seu sacrifício para que a economia brasileira siga crescendo. Vocês viram uma coisa importante: o Obama anunciou nos Estados Unidos que até 2011 quer criar 2,5 milhões de empregos. Este ano, no Brasil, nós criamos 2,2 milhões de empregos. Portanto, eu acho que nós temos gordura e muita gordura.

Eu queria dizer uma coisa sobre a visita da nossa querida companheira Ingrid. Uma coisa que tem que ficar importante, e eu preciso dizer isso aqui agora, na frente dela, é que se os militantes das Farc acompanharem as notícias da América do Sul – não digo nem do mundo, da América do Sul – eles vão perceber o seguinte... peguem o continente sul-americano. Como é que um operário metalúrgico pôde chegar a ser presidente da República da oitava, nona ou décima economia do mundo, dependendo do índice que você pega para medir? Como é que pode um índio ter virado presidente da Bolívia, se não pela via democrática? Então, a grande chance que as Farc têm de, um dia governarem a Colômbia, é acreditar na democracia, é acreditar na militância política, é fazer o jogo democrático como nós fizemos aqui.



Aqui no Brasil, há 20 anos, possivelmente 99% da sociedade não acreditava que um metalúrgico poderia chegar à Presidência da República. Na Bolívia, acho que há 15 anos, não se acreditava que um índio pudesse chegar. No Paraguai, jamais alguém imaginava que um bispo pudesse quebrar a hegemonia de 60, 70 anos dos partidos liberais. O Chávez chegou ao poder pela via das eleições. Então, eu penso – Rafael Correa, no Equador – que as Farc precisam meditar sobre isso, e não se ganha eleição seqüestrando pessoas, esse é o dado concreto. Eleições se ganha fazendo jogo político, convencendo a sociedade, fazendo propostas, apresentando programas, é assim que se ganha o jogo.

**Jornalista:** O senhor acha que a senadora Ingrid é um bom nome para presidir a...

**Presidente:** Não posso dar palpite sobre as eleições na Colômbia, pelo amor de Deus. Eu já não estou dando palpite nem sobre as eleições brasileiras.

**Jornalista:** O senhor acha que é um benefício ela voltar à política, Presidente?

**Jornalista:** (inaudível) papel do Brasil?

**Presidente:** O Brasil tem uma cultura, gente. O Brasil não move um dedo sem que haja concordância do governo institucional colombiano. Isso vale para a Colômbia, isso vale para outros países, ou seja, o Brasil só se manifesta se houver concordância dos governos dos países. Fora disso, o Brasil não dá palpite. O máximo que a gente faz é se oferecer para dar uma contribuição, mas depende de uma aceitação do governo.

**Jornalista:** Qual seria essa contribuição?



**Presidente:** Eu penso que qualquer contribuição passa pelo fato de libertar os seqüestrados. Não tem lógica que pessoas inocentes estejam há 6, 7, 8 anos prisioneiros dentro do mato.

**Jornalista:** Ainda tem 700.

**Presidente:** Porque isso não faz parte da política, gente.

**Jornalista:** Obrigado, Presidente.

**Presidente:** Se eu não ver vocês mais... Eu vou ver porque vocês vão à Bahia, porque vou vir aqui, nos catadores de papel, vou estar com o Sarkozy nos dias 22 e 23...

**Jornalista:** Aqui em São Paulo?

**Presidente:** Não, Sarkozy é no Rio, e de lá eu venho para cá, para os catadores de papel. Nós vamos ter o encontro da América Latina-Caribe, em Sauípe. Vocês, de dia falam mal de mim, e de noite (inaudível) de praia.

**Jornalista:** Presidente, o senhor vai com o Bernardo na posse do (inaudível)?

**Presidente:** Não sei, tenho vontade, mas eu preciso saber quando é que eu vou descansar uns 10 dias. Bob, prazer em revê-lo.

(\$31DGJLP)